

## **Panorama dos estudos de contato entre o português e as línguas italianas de imigração no Espírito Santo**

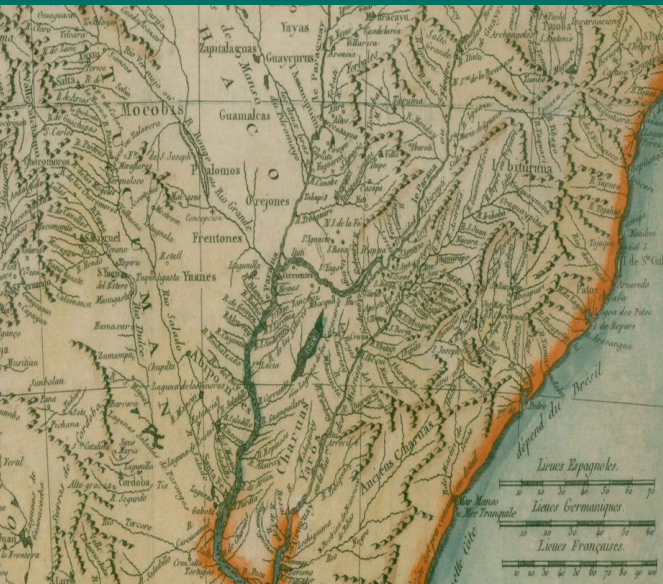
**Edenize Ponzo Peres, Marco Antônio de Oliveira**

### **Angaben zur Veröffentlichung / Publication details:**

Ponzo Peres, Edenize, and Marco Antônio de Oliveira. 2025. "Panorama dos estudos de contato entre o português e as línguas italianas de imigração no Espírito Santo." In *Plurilinguismo e contatos linguísticos: 10 anos do grupo Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF)*, edited by Cristiane Horst, Marcelo Jacó Krug, and Joachim Steffen, 75–94. Norderstedt: BoD.

Cristiane Horst, Marcelo J. Krug, Joachim Steffen

# Plurilinguismo e Contatos Linguísticos



10 anos do  
Grupo Atlas das  
Línguas em  
Contato na  
Fronteira (ALCF)

## **Plurilinguismo e Contatos Linguísticos**

**10 anos do grupo Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF)**



Cristiane Horst, Marcelo Jacó Krug, Joachim Steffen

## **Plurilinguismo e Contatos Linguísticos**

**10 anos do grupo Atlas das Línguas em Contato na  
Fronteira (ALCF)**

Para citar esta publicação, utilize por favor este link:

<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:bvb:384-opus4-1188624>

Informação bibliográfica da Biblioteca Nacional Alemã:

A Biblioteca Nacional Alemã registra esta publicação na Bibliografia Nacional Alemã; dados bibliográficos detalhados estão disponíveis na Internet em [dnb.dnb.de](http://dnb.dnb.de).

O volume completo é publicado pelos editores em Acesso Aberto sob a licença CC-BY-NC 4.0 e editado e disponibilizado por meio do repositório OPUS da Universidade de Augsburg. Todas as citações de textos e imagens estão protegidas por direitos autorais. Todos os direitos, incluindo reprodução, publicação, edição e tradução, estão reservados.

© 2025

Cristiane Horst, Marcelo J. Krug, Joachim Steffen

Produção e Editora: BoD – Books on Demand, Norderstedt

A publicação foi apoiada com recursos da Universidade de Augsburg.

A ilustração da capa apresenta um recorte da região abordada no livro, com base em um mapa do cartógrafo Jean-Baptiste Bourguignon d’Anville, datado de 1733.

ISBN: 9783769377651

# Sumário

*Cléo V. Altenhofen*

Prefácio ..... 1

*Felício Wessling Margotti*

Contribuições da língua italiana na formação do português no sul do Brasil ..... 5

*Martina Steffen*

A situação sociolinguística na região fronteira de Misiones (Argentina-Brasil):  
Observações a partir de levantamentos preliminares para o ‘Atlas das línguas em contato  
na fronteira’ ..... 29

*Cristiane Horst, Celina Eliane Frizzo, Ana Elizabete Fornara, Marcelo Jacó Krug*

Por uma educação plurilinguística – reflexões sobre trabalho com a diversidade  
linguística na escola: um olhar para a BNCC ..... 49

*Edenize Ponzó Peres, Marco Antônio de Oliveira*

Panorama dos estudos de contato entre o português e as línguas italianas de imigração no  
Espírito Santo ..... 75

*Ediene Pena Ferreira, Marco Antônio de Oliveira*

Diversidade linguística no oeste paraense: o perfil dos alunos indígenas da Universidade  
Federal do Oeste do Pará ..... 95

*Joachim Steffen, Marcelo Jacó Krug*

Gramaticalização induzida por contato linguístico: o caso de algumas partículas modais  
nas variedades de bilíngues no Sul do Brasil ..... 111

*Simone de Sousa Naedzold, Antonio Carlos Santana de Souza*

Considerações sobre atlas linguísticos: a constituição linguística dos falares do/no Brasil  
..... 129

*Neusa Inês Philippsen*

Siclano ou sicrano: variante linguística motivada por assimilação ou preconceito  
linguístico? ..... 151

*Sanimar Busse*

Crenças e atitudes linguísticas: o encontro de línguas e falares no oeste do Paraná..... 177

*Rayani Andressa da Cruz Oliveira, Cristiane Schmidt*

Desafios do ensino de variação linguística em tempos de pandemia da covid-19:  
revisitando algumas sugestões pedagógicas..... 195

Sobre os autores ..... 215

# Panorama dos estudos de contato entre o português e as línguas italianas de imigração no Espírito Santo

Edenize Ponso Peres, Marco Antônio de Oliveira

*Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-MG*

## Considerações iniciais

O Espírito Santo é um estado marcado pelos contatos étnicos e linguísticos. Primeiramente, a partir de 23 de maio de 1535, entre os portugueses e os indígenas: tupiniquins, goitacazes, tupinambás e temiminós (SALETTTO, 2011). Posteriormente, nos primeiros anos do século XVII, iniciou-se o tráfico negreiro (MOREIRA; PERRONE, 2007). Entretanto, de acordo com Conde (2009), o Espírito Santo não estava ligado ao tráfico negreiro internacional, o que implica que não chegaram novos escravizados nos séculos seguintes. Os descendentes de africanos formavam famílias extensas, sendo que todos tinham algum parentesco com os senhores das fazendas onde habitavam.

O convívio estreito entre os escravizados e os seus senhores fez com que as línguas africanas no Espírito Santo se mesclassem com o português ao longo da escravidão. Dessa forma, quando chegaram as primeiras levas de imigrantes germânicos, em 1847, estes não mais encontraram línguas indígenas ou africanas, mas sim o português resultante desses contatos. Quanto aos imigrantes italianos, o primeiro grupo chegou em 1874. Tratava-se de genoveses recrutados para trabalhar nas terras do conterrâneo Pietro Tabacchi, instalando-se na Colônia Nova Trento, onde é hoje o município de Ibirajú (DERENZI, 1974).

Muitos outros italianos imigraram, instalando-se inicialmente nas serras da província, isoladas pela mata virgem e pela falta de estradas, o que favoreceu a manutenção de suas línguas maternas. Posteriormente, em diferentes períodos, os próprios imigrantes e/ou seus descendentes partiram para outras localidades no interior do estado, igualmente isoladas, tentando conseguir novas terras onde pudessem se estabelecer e criar suas famílias. Essa dispersão fez com que atualmente haja focos de descendentes de imigrantes italianos

em quase todos os municípios estado (INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES, 2012).

A grande diversidade étnica e cultural que existe no Espírito Santo foi tema de muitos estudos, sobretudo nos campos da História, da Geografia, da Educação e da Sociologia. Com relação à diversidade linguística, algumas pesquisas foram realizadas, como as orientadas pela Profa. Dra. Catarina Vaz Rodrigues, da Ufes, bem como as de Iniciação Científica, os Trabalhos de Conclusão de Curso, as dissertações de Mestrado e uma tese de Doutorado que fazem parte de um Projeto intitulado Línguas em contato: o português e o italiano no Espírito Santo, que teve início em 2010, sob a coordenação da primeira autora deste trabalho<sup>1</sup>. Os principais objetivos desse Projeto eram: formar um acervo com entrevistas sociolinguísticas com falantes bilíngues – especialmente idosos – para a preservação de sua memória; registrar a influência das línguas de imigração no português falado atualmente pelos descendentes de imigrantes italianos; e conhecer o estágio vitalício das línguas de imigração ainda faladas no estado.

Neste trabalho, não será possível tratar de todos os estudos feitos sobre os contatos entre o português e as línguas italianas de imigração, mas serão apresentados os resultados das dissertações e da tese defendidas junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Ufes. Esses são os temas das próximas seções.

## **1. As pesquisas de contato no nível linguístico**

As pesquisas que envolvem os contatos entre o português e as línguas italianas de imigração no Espírito Santo visavam responder a perguntas sobre as consequências desses contatos nos níveis linguístico e social. No nível linguístico, o interesse residia na influência das línguas italianas sobre o português quando os fonemas em questão eram diferentes nas duas línguas. Os resultados das entrevistas sociolinguísticas evidenciaram, especialmente em relação aos moradores de zonas rurais adultos, que: o /r/ em coda silábica e intervocálico é realizado como tepe; as oclusivas dentais diante de /i/ são pronunciadas [ti, di]; o ditongo nasal é realizado como [õ]; o /l/ em coda é produzido como [l]; e a prosódia reproduz aquela da fala de descendentes de imigrantes.

A realização do fonema /r/ e do /l/ em coda silábica, bem como outros fenômenos advindos dos contatos linguísticos que ocorreram no Espírito Santo, ainda não contaram

---

<sup>1</sup> O Projeto “O português e o italiano no Espírito Santo”, que foi executado no período de 2010 a 2015, foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo em 23/06/2010.

com pesquisas, assim como muitíssimas comunidades ainda não tiveram o seu português de contato descrito. Entretanto, a realização das oclusivas dentais diante de /i/, o ditongo nasal e a prosódia de duas localidades já receberam a atenção de pesquisadores. A seguir, então, os resultados são apresentados.

### **1.1 As oclusivas /t, d/ diante de /i/: Avelar (2015)**

A realização variável das oclusivas dentais diante de /i/ foi o tema da dissertação de Avelar (2015), intitulada “A realização variável das consoantes oclusivas dentais por descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa, ES”. Os dados foram retirados de uma amostra composta por 24 entrevistas sociolinguísticas com moradores da zona urbana de Santa Teresa, todos descendentes de imigrantes italianos, classificados por sexo (feminino e masculino), faixa etária (de 12 a 25, de 26 a 50 e acima de 50 anos) e escolaridade (até 08 anos e acima de 08 anos de escolarização). Além dessas variáveis extralinguísticas, foram testadas três variáveis linguísticas: classe gramatical da palavra, tonicidade da sílaba e nasalidade da vogal que segue a oclusiva.

As entrevistas foram transcritas e os dados de interesse foram codificados para serem tratados estatisticamente por meio do Programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). A pesquisadora obteve 2174 dados de /t/ e 2383 dados de /d/ diante de /i/, sendo 252 (11,6%) de pronúncia [ti] e 409 (17,2%) de pronúncia [di], ou seja, com influência das línguas italianas de imigração. Os resultados obtidos por Avelar (2015) apontam que a influência da língua de imigração se faz mais presente entre os informantes da faixa etária acima de 50 anos (PR = .99), de menor nível de escolaridade (PR = .94) e do sexo masculino (PR = .63) (AVELAR, 2015, p. 70).

Com relação às variáveis linguísticas, apenas a tonicidade da sílaba foi selecionada, e somente para o fonema /t/: a pronúncia de /t/ com influência da língua ancestral é favorecida quando o fonema está em posição pretônica (PR = .67); é relativamente neutra quando /t/ se encontra em sílaba tônica e em sílaba átona final; e fortemente desfavorecida (PR = .15) quando se acha em sílaba postônica medial. Vê-se, portanto, que a variação das oclusivas dentais está mais fortemente ligada a fatores extralinguísticos do que a linguísticos (AVELAR, 2015, p. 70).

## 1.2 O ditongo nasal tônico -ão: Meneghel (2015) e Peterle (2017)

A pronúncia do ditongo nasal -ão foi o tema da investigação de Meneghel (2015), no distrito de Santa Maria do Engano, e de Peterle (2017), no distrito de São Bento de Urânia, ambos pertencentes a Alfredo Chaves – o qual, ao lado de Santa Teresa, é um município com forte presença de descendentes de imigrantes italianos. Em ambos os estudos, as variáveis linguísticas testadas foram: classe de palavras (nomes, verbos, outros), extensão do vocábulo (uma sílaba ou mais de uma sílaba), contexto fonológico precedente (ataque vazio<sup>2</sup>, consoante nasal, consoante anterior ou consoante posterior) e contexto fonológico seguinte (pausa, vogal, consoante nasal, consoante anterior ou consoante posterior).

Meneghel (2015), em sua pesquisa intitulada “O ditongo nasal tônico -ão falado por ítalo-descendentes de Santa Maria do Engano/ES: uma análise sociolinguística”, entrevistou 40 pessoas, classificadas por faixa etária (08 a 14, 15 a 30, 31 a 50 e mais de 50 anos), sexo (feminino e masculino) e escolaridade (até 5 anos e acima de 5 anos de estudos). Peterle (2017), por sua vez, analisou os dados obtidos por entrevistas com 04 bilíngues em vêneto e português, com diferentes níveis de proficiência na língua estrangeira, de ambos os sexos, todos acima de 58 anos e com até quatro anos de escolarização. Os dados de ambas as pesquisas foram codificados e, em seguida, analisados quantitativamente pelo Programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Após as rodadas do Programa, seguiu-se a análise qualitativa.

A partir dos 1956 dados de Meneghel (2015), o Programa Goldvarb X indicou que a pronúncia do ditongo nasal com influência da língua vêneta<sup>3</sup> era favorecida pelos participantes acima de 50 anos (PR = .65), com menos de cinco anos de estudos (PR = .63) e do sexo masculino (PR = .58). Quanto às variáveis linguísticas, as mais favorecedoras da pronúncia com influência da língua de imigração foram a extensão do vocábulo (PR = .68 para palavras com mais de três sílabas), contexto seguinte ao ditongo (PR = .60 para a pausa) e contexto precedente ao ditongo (PR = .59 para consoante posterior e PR = .56 para consoante anterior) (MENEGHEL, 2015, p. 92).

Por sua vez, as entrevistas de Peterle (2017) geraram 438 dados. Quanto a eles, o Programa Goldvarb X não selecionou nenhuma variável como favorecedora da pronúncia do ditongo nasal com a influência da língua de imigração, o que evidencia que a coesão

---

<sup>2</sup> Exemplos do corpus de Meneghel (2015) e de Peterle (2017) são *região* e *João*.

<sup>3</sup> Neste ponto, cabe pontuar que concebemos o vêneto como um sistema linguístico totalmente válido para a comunicação de seus falantes, não obstante o seu status inferiorizado diante do italiano standard. Por isso, neste trabalho, concebemos o vêneto como uma língua.

linguística da comunidade era forte há algumas décadas (PETERLE, 2017). O estudo de Peterle também procurou desvelar os sentimentos dos participantes com respeito ao português falado com sotaque e aos falantes desse português. Para isso, formulou e aplicou testes de reação subjetiva nos sujeitos da pesquisa, composto por seis áudios, sendo três mulheres e três homens, falando com diferentes sotaques: “quatro [áudios] sem marcas de uma língua de imigração – dois representando a zona urbana e dois, a zona rural –, além de dois áudios com muitos traços vênéticos em sua fala, o que caracteriza o sotaque dos moradores de São Bento de Urânia” (PETERLE, 2017, p. 127).

Especificamente em relação aos áudios gravados em português com a presença de marcas vênéticas, os quatro participantes do teste classificaram os donos das duas vozes com as seguintes características: pertencem à classe média, são moradores da zona rural e, quanto à possível profissão, disseram que provavelmente são agricultores; são religiosos, trabalhadores, sinceros, simples, de confiança e responsáveis. Com respeito ao sotaque da língua portuguesa com traços vênéticos, os uranienses o classificaram em primeiro lugar como bonito e, em segundo lugar, como muito bonito. Vê-se, portanto, que os quatro bilíngues entrevistados têm tanto o português com sotaque quanto quem o fala em alta consideração.

### **1.3 A prosódia da fala de descendentes de imigrantes italianos: Majoni (2015)**

A pesquisa de Majoni (2015), intitulada “Variação prosódica de sentenças declarativas e interrogativas na fala de descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa – ES”, teve por objetivo verificar a influência da prosódia da(s) língua(s) italiana(s) de imigração que entraram em contato com o português na Sede de Santa Teresa. Seu objetivo foi descrever e analisar a entonação de sentenças declarativas e interrogativas em estruturas frasais e, para isso, analisou a produção de oito participantes da pesquisa.

Os procedimentos para a geração dos dados e os instrumentos de análise seguiram o Projeto AMPER – Atlas Multimídia Prosódico do Espaço Românico. Majoni (2015) selecionou todas as 66 estruturas frasais com expansão no complemento do sintagma verbal onde se encontram os três tipos de acentuação do português (oxítone, paroxítone e proparoxítone). Para a seleção dos sujeitos, a pesquisadora adotou os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1972): todos os participantes eram descendentes de imigrantes italianos, sendo eles divididos e classificados pelos dois sexos, duas faixas etárias (8-14 anos e + de 50 anos) e com até 04 anos de escolaridade.

Cada participante gravou uma série de seis repetições de frases, sendo que as três mais audíveis foram selecionadas para a análise prosódica, por meio do valor da frequência fundamental (F0) – o parâmetro acústico responsável pela percepção das variações na linha melódica da fala em uma pessoa. A análise de Majoni (2015) pautou-se na comparação entre sentenças declarativas e interrogativas pronunciadas pelos sujeitos da pesquisa, complementada pela análise das variáveis extralinguísticas.

A partir dos gráficos de entoação das frases pronunciadas pelos participantes, Majoni (2015, p. 161-162) constatou que:

- i. “A entoação utilizada pelos falantes de 8 a 14 anos e aquela utilizada pelos falantes com mais de 50 anos, divididos em homens e mulheres, são similares na primeira análise dos gráficos, variando nas diferentes posições do acento nas frases declarativas e interrogativas”.
- ii. “O movimento inicial de F0 configura-se da seguinte forma nas frases declarativas e interrogativas: na palavra oxítone “bisavô” acontece um pico de F0 na pretônica “sa”; porém, na paroxítone “Renato” e na proparoxítone “pássaro”, o pico entoacional incide sobre as postônicas “to” e “ssa”, respectivamente”;
- iii. “[...] na variável *sexo/gênero* (mulheres e homens), a linha melódica manteve o mesmo padrão de F0, mostrando que, no nível prosódico, o contraste na fala de homens e mulheres não acontece”.
- iv. “[...] na variável *faixa-etária* (8-14 anos e mais de 50 anos), observou-se visualmente que os informantes mais velhos apresentam uma linha melódica com maior variação entoacional nas sentenças declarativas e interrogativas. Nos falantes mais novos, essa linha melódica se aproxima nas duas modalidades de frase, não apresentando essa variação que acontece nos idosos. Isso aponta para uma possível mudança em progresso [...]”.

Em suas considerações finais, Majoni (2015) afirma que seu estudo não esgota as possibilidades de interpretação dos gráficos apresentados e ainda aponta para a necessidade de mais pesquisas que descrevam a prosódia dos descendentes de imigrantes italianos – e de outras etnias – no estado.

## **2. As pesquisas de contatos no nível social**

Nesta seção, serão apresentadas, por ordem cronológica, as pesquisas que se debruçaram sobre os contatos entre as línguas italianas de imigração e o português no nível social.

Diversos autores, como Weinreich (1970 [1953]); Appel; Muysken (1996 [1987]), Fasold, (1996 [1984]); Baker; Jones (1998); Matras, 2003; Winford, 2003; Coulmas, 2005; Spolsky, 2009; Montrul, 2013 etc., dissertam sobre os contatos linguísticos e suas consequências. Tendo por base os aportes desses e de outros autores, as pesquisas sobre os contatos linguísticos no Espírito Santo abordaram temas como os aspectos do bilinguismo presentes no município de Santa Teresa (RODRIGUES, 2015) e os fatores que levaram o vêneto a ser totalmente substituído pelo português em Alfredo Chaves (COMINOTTI, 2015; 2021; FIORIN, 2019).

## 2.1 Rodrigues (2015)

Em sua pesquisa, intitulada “Mi parlo taliàn: uma análise sociolinguística do bilinguismo português-dialeto italiano no município de Santa Teresa, Espírito Santo”, Rodrigues (2015) utilizou-se da observação participante, de um questionário sociolinguístico e de entrevistas semiestruturadas com 146 participantes, classificados por local de residência (zona rural e zona urbana) e faixa etária (de 08 a 30, de 31 a 60 e acima de 60 anos). A investigação teve dois objetivos gerais: 1) dar um panorama dos usos das variedades setentrionais italianas no município, apontando em quais localidades elas são usadas e as atitudes linguísticas dos participantes em relação às línguas que falam; e 2) documentar algumas tradições orais italianas presentes no município. Seus objetivos específicos foram (RODRIGUES, 2015, p. 22):

- a) Analisar a influência dos fatores sociais *idade e local de residência* (zona urbana ou rural) para o uso das línguas.
- b) Verificar o grau de bilinguismo dos falantes (falar, ler, escrever e entender) em relação ao dialeto italiano e ao português.
- c) Discutir as atitudes linguísticas dos falantes em relação ao italiano *standard* e ao dialeto italiano.
- d) Analisar diacronicamente o processo de uso do dialeto italiano no período da infância dos informantes e na atualidade.
- e) Identificar os domínios e as funções desempenhadas pelo português e pela língua de imigração.
- f) Documentar canções e tradições orais dialetais italianas ainda presentes em Santa Teresa.

Resumidamente, seus principais resultados foram (RODRIGUES, 2015):

- a) o uso da língua de imigração, quando ocorre, se dá principalmente com os familiares, no lar; em segundo lugar, com os amigos; em terceiro, com os vizinhos;
- b) as habilidades de entender e falar a língua de imigração são maiores entre os informantes acima de 60 anos e os moradores da zona rural de Santa Teresa;
- c) os mais idosos relatam fatos negativos em relação ao uso da língua de imigração durante a sua infância, mas os participantes da pesquisa que têm entre 08 e 30 anos a veem de forma positiva e desejam que ela seja mantida. Rodrigues (2015) observou, na faixa etária mais jovem, uma grande valorização de suas origens – sua cultura e sua língua;
- d) As causas citadas pelos participantes da pesquisa para a substituição da língua de imigração pelo português foram:
  - i. a atuação da escola, quer seja pelo ensino exclusivamente na língua majoritária, quer seja pelas atitudes negativas dos docentes em relação a quem falasse em outra língua;
  - ii. o pouco interesse de outras instituições públicas do município, haja vista que o português é a única língua aí falada;
  - iii. a ausência da veiculação da língua de imigração pelos meios de comunicação de Santa Teresa. Foram eles que levaram a língua portuguesa para os lares, contribuindo para a sua expansão. Em Santa Teresa, o elevado uso das novas tecnologias de comunicação fez e ainda faz crescer a propagação do português e do italiano standard entre os mais jovens, sobretudo os residentes na zona urbana;
  - iv. a religião, pelo fato de ela ser a mesma dos imigrantes e da sociedade de acolhimento, o que estreitou o convívio entre os dois grupos étnicos;
  - v. a estigmatização da língua de imigração, que passou a ser vista por parte dos residentes na zona urbana e de alguns descendentes que ascenderam econômica e socialmente, como língua de pessoas *da roça*, de baixo nível social e de pouca escolaridade;
  - vi. a falta de incentivo ou até mesmo a proibição do uso da língua ancestral pelos pais, para que os filhos assimilassem o mais rápido possível a cultura brasileira e, assim, pudessem prosperar economicamente;
  - vii. a proibição do uso de línguas estrangeiras durante o Estado Novo do presidente Getúlio Vargas (1937-1945).

Rodrigues (2015) conclui seu estudo afirmando que, não obstante a atual valorização da língua dos ancestrais pelos mais jovens,

[...] o dialeto italiano está em avançado estágio de substituição linguística e, por isso, faz-se necessário implantar em Santa Teresa políticas linguísticas que visem à sua preservação [...] O que se deseja agora é a tomada de medidas, por parte das autoridades e da sociedade civil, que promovam a preservação do dialeto italiano em Santa Teresa, enquanto ele ainda existe (RODRIGUES, 2015, p. 182).

Três outras pesquisas se voltaram para a análise das causas da substituição da língua de imigração pelo português, mas, desta vez, foram realizadas em Alfredo Chaves, Espírito Santo: Cominotti (2015; 2021), em São Bento de Urânia, um distrito colonizado por famílias procedentes do Vêneto, Itália, e, portanto, falantes de variedades dessa língua; e Fiorin (2019), que centrou sua investigação no distrito de Santa Maria de Ibitiruí e na Sede de Alfredo Chaves.

## 2.2 Cominotti (2015)

Em sua pesquisa de Mestrado, intitulada **“O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica”**, Cominotti (2015) buscou investigar a substituição do vêneto em São Bento de Urânia a partir dos fatores que desencadeiam esse processo, conforme apontam diferentes pesquisadores dos contatos linguísticos. Para alcançar seus objetivos, a autora realizou 62 entrevistas sociolinguísticas com uranienses descendentes de imigrantes italianos divididos em quatro faixas etárias (de 08 a 14, de 15 a 30, de 31 a 50 e acima de 50 anos) e dos dois sexos, que falaram sobre temas como as tradições históricas da comunidade, a história da família na Itália e no Brasil, a religião, a escola etc.

A partir das entrevistas e da observação da comunidade, Cominotti (2015, 77-118) analisou alguns dos principais fatores que atuam para a manutenção ou a substituição de línguas faladas por grupos minoritários e os aplicou ao caso de São Bento de Urânia. São eles:

**A religião:** sabe-se que a manutenção das línguas minoritárias é favorecida quando estas são usadas em missas, cultos e outras atividades religiosas. Em São Bento, porém, a língua da religião é o português há muito tempo, embora, nos primeiros anos de

colonização do distrito, as rezas fossem feitas em vêneto. Assim, a religião contribuiu para a substituição linguística.

**O apoio institucional à língua:** quando a língua de imigração é valorizada e protegida pelo Estado, sendo utilizada em órgãos públicos, maiores as chances de sua manutenção. É uma das principais instituições é a escola. Entretanto, segundo os uranienses entrevistados, a escola foi determinante para a substituição do vêneto pelo português, pois divulgou a proibição de se falar uma língua estrangeira, durante o Estado Novo de Vargas, na comunidade.

**A transmissão intergeracional, no convívio do lar:** sabe-se que a sobrevivência de uma língua – qualquer que seja ela – depende de sua transmissão dos pais a seus filhos. Em São Bento de Urânia, os mais jovens, das faixas etárias de 8 a 14 e de 15 a 30 anos, têm pouco ou nenhum conhecimento do vêneto. Já os uranienses de 31 a 50 e principalmente os acima de 50 anos têm um maior domínio da língua, embora a falem menos, atualmente. Assim, a transmissão do vêneto foi interrompido, o que está gerando o seu desaparecimento na comunidade.

**O número de falantes da língua minoritária:** quanto maior for o número de falantes e quanto mais próximos viverem, mais a sua língua poderá ser mantida. Os relatos nas entrevistas de Cominotti (2015) evidenciam que os participantes da pesquisa têm consciência da redução do número de falantes de vêneto. Por isso, a maioria dos participantes disse que gostaria que ele fosse revitalizado.

**A localização da comunidade:** os grupos linguísticos que se encontram afastados dos centros urbanos recebem menos pressão para usarem a língua majoritária e, dessa forma, têm maiores chances de manter sua língua. São Bento de Urânia é um distrito pequeno, rural e com dificuldades de acesso às zonas urbanas dos municípios vizinhos. Portanto, a língua vêneta poderia ser mantida, na comunidade, mas não foi isso que ocorreu.

**O caráter permanente ou temporário da imigração:** se a imigração é temporária, com grandes perspectivas de retorno ao país natal; se os membros da comunidade viajam constantemente à pátria dos antepassados; ou se a comunidade recebe constantemente falantes nativos de sua língua, maiores chances de esta continuar a ser falada. Em São Bento de Urânia, nenhum desses fatos sucedeu, o que contribuiu para a substituição linguística, haja vista os participantes mais idosos de Cominotti (2015) alegarem a falta de falantes de vêneto para que parassem de se comunicar nessa língua.

**O status da língua minoritária e do grupo de falantes:** segundo os autores dos contatos linguísticos, se o status da língua minoritária e de seus falantes for baixo, haverá uma maior propensão à substituição linguística, pois, ao buscar ascender socialmente, os falantes procurariam adotar a língua majoritária e abandonar a ancestral. Em São Bento de

Urânia, entretanto, a substituição ocorreu por outras razões, pois os entrevistados são trabalhadores rurais e se mostram satisfeitos com sua condição socioeconômica, não almejando deixar suas terras e sua vida no campo.

Enfim, a análise dos dados de Cominotti (2015) evidencia que haveria a possibilidade de a comunidade de São Bento de Urânia ter-se tornado bilíngue, pois diversos fatores de manutenção se encontram ali, como o parcial isolamento da comunidade, a sua formação basicamente vêneta, os matrimônios intraétnicos, a coesão das relações entre seus moradores, a preservação da cultura italiana etc., mas isso não ocorreu. Portanto, caberia investigar mais a fundo por que o bilinguismo não foi levado adiante nesse distrito, analisando-se outros fatores de manutenção/substituição linguística, além do aprofundamento do que já havia sido exposto em sua dissertação de Mestrado. Essa tarefa foi realizada em sua tese de Doutorado, como descrito a seguir.

### **2.3 Cominotti (2021)**

Como se disse, os resultados de Cominotti (2015) deixaram algumas perguntas que requeriam um maior aprofundamento para serem respondidas. Dessa forma, a pesquisadora se propôs a investigar o papel do sentimento de identidade dos moradores de São Bento de Urânia como fator de manutenção ou de substituição do vêneta no distrito. Assim, as atitudes dos moradores para com sua gente, sua cultura e sua língua, os seus sentimentos de lealdade linguística e a etnicidade ganharam destaque.

Seus dados de análise foram obtidos por meio: da observação participante realizada durante a pesquisa de Mestrado da autora e a de Doutorado; das 62 entrevistas realizadas anteriormente, durante os anos de 2013-2014; e da aplicação de três questionários sociolinguísticos – o primeiro, para 81 crianças e adolescentes, de 08 a 17 anos; o segundo, para 34 adultos acima de 21 anos; e o terceiro, para três líderes da Associação de Moradores do distrito. Os questionários traziam perguntas sobre os sentimentos dos respondentes em relação às suas origens, aos seus antepassados, à sua cultura e à sua língua de herança, dando uma ideia bastante precisa da situação sociolinguística do vêneta e do processo de sua substituição pelo português, no distrito. De forma resumida, apresentam-se os dados obtidos por Cominotti (2021, p. 109-167):

1. a língua vêneta ainda é falada pelos moradores do distrito, sobretudo os mais idosos, mas também por adultos jovens e, em uma proporção bastante menor, as crianças e os adolescentes;

2. A língua é falada no lar, principalmente, mas também nas casas vizinhas, na lavoura, na igreja e no comércio, quando um falante encontra outro falante. Os interlocutores mais citados nos questionários foram, em ordem decrescente de citações: os pais e os filhos (empatados com nove indicações cada), os avós, os irmãos, os vizinhos/amigos e, por último, os netos (com apenas uma indicação). Essa situação de uso da língua é apontada pelos entrevistados como um importante fator do declínio da língua vêneta na comunidade, pois os falantes são majoritariamente os idosos, e eles estão falecendo;
3. Os respondentes dos questionários assim se declararam, quanto à própria proficiência na língua dos antepassados:
  - i. **entre as crianças e adolescentes**, 16,22% disseram que **entendem** bem o vêneto; 54,05% entendem razoavelmente; 10,81% entendem pouco; e 18,92% não entendem nada. Quanto à habilidade de **falar o vêneto**, 24,25% das crianças e adolescentes que responderam a essa pergunta afirmam que falam bem; 21,21% julgam que falam razoavelmente; 15,15% falam pouco; e 39,39% responderam que não falam nada;
  - ii. entre os respondentes **acima de 21 anos**, 19,35% afirmam que **entendem** bem a língua; 38,71% entendem razoavelmente; 41,94% entendem pouco e nenhum deles afirma que não entende nada. Para a habilidade de **falar**, 3,23% afirmam que falam bem; 35,48% falam razoavelmente e 61,29% afirmam que falam “pouco”, sendo que ninguém afirmou que não falava nada.

Cominotti (2021, p. 113-114) interpreta os resultados para as crianças e adolescentes e para os adultos da seguinte forma:

Podemos observar [...] que em todas as habilidades a sua [das crianças e adolescentes] capacidade declarada – “bem” e “razoavelmente” suplanta a dos adultos. Pensamos que essa capacidade se refere aos termos, expressões e frases mais usuais, que utilizam os mais velhos nos jogos, nas brincadeiras e nas conversas após os cultos de domingo. Há que se notar que esses 20 jovens foram os que também afirmaram que o vêneto é usado em casa, fazendo com que tenham a capacidade de falar e entender. [...] Cremos que esses resultados [dos adultos] podem ser justificados por uma maior criticidade dos adultos: devido ao uso menor da língua atualmente na comunidade, já não têm a mesma

facilidade para utilizá-la; outra possibilidade é a sua comparação com os mais antigos, que falavam apenas ou majoritariamente o vêneto na comunidade.

4. A transmissão do vêneto às gerações mais novas não ocorreu em São Bento de Urânia: dos 32 adultos que responderam à pergunta do questionário sobre a transmissão da língua, somente 10 (31,25%) afirmaram que a ensinaram aos filhos. As principais causas da não transmissão, segundo os participantes da pesquisa, foram a falta de interesse em ensinar e aprender, a falta de/pouco conhecimento da língua, a falta de necessidade de se falar o vêneto etc.;
5. As 81 crianças e adolescentes indicaram as línguas que gostariam de aprender mais, resultando um total de 85 respostas. Destas 85, 31 respostas (36,47%) indicaram o vêneto, ao passo que 53 respostas (62,35%) indicaram outras línguas, como o inglês, o espanhol e o alemão;
6. A cultura vêneta está fortemente presente na comunidade, por meio da culinária, dos jogos, das festas, das missas e celebrações e também da língua;
7. O vêneto é bem considerado na comunidade:
  - i. Entre **as crianças e adolescentes** que responderam à questão a respeito dos sentimentos sobre a língua, ela é considerada bonita para 35,14% dos respondentes, feia para 4,05%, antiquada para 12,16%, moderna para 8,11%, difícil para 35,14% e fácil para 8,11% deles;
  - ii. Entre **os adultos acima de 21 anos** que responderam à questão sobre a avaliação do vêneto, ele é bonito para 90,63% dos respondentes, feia para 3,13%, antiquada para 3,13%, fácil para 9,38% e difícil para 6,25%, sendo que ninguém falou que a língua é moderna.
8. É constante a alusão ao preconceito sofrido pelos moradores de São Bento de Urânia. As suas causas estão relacionadas à proibição de se falar outra língua que não fosse o português, durante o período Vargas, perpetuada pela atuação da escola e da sociedade, que ajudaram a incutir o medo e a vergonha de falar a sua língua ancestral, vergonha essa sentida ainda hoje pelos mais jovens, por falarem o português com marcas vênetas.

Cominotti (2021) conclui, assim, que os uranienses se sentem muito identificados como descendentes de italianos e sentem orgulho de seus antepassados, o que explica, em

parte, por que a cultura e a língua vêneta ainda estão presentes no distrito, apesar de o português ter substituído amplamente a língua de imigração em praticamente todos os domínios de uso. Portanto, apesar de o forte sentimento de identidade com os antepassados não ter sido capaz de manter a língua dos ancestrais, ele é o principal fator para se pensar em uma possível revitalização linguística.

## **2.4 Fiorin (2019)**

É fato que a escola foi um importante órgão fiscalizador e disseminador da política de repressão às línguas estrangeiras no Brasil, por parte do governo Vargas, impondo o ensino e a veiculação apenas da língua portuguesa no país. Esta é uma causa constantemente citada em pesquisas que envolvem os contatos linguísticos no Espírito Santo e em outros estados, para justificar o declínio do uso de línguas minoritárias. Dessa forma, Fiorin (2019) procura analisar os fatores que levaram à substituição do vêneto pelo português e, especificamente, a atuação da escola nesse processo. A pesquisa foi realizada em duas comunidades de Alfredo Chaves-ES: a Sede, com aproximadamente 7.000 habitantes, conforme estimativas do IBGE de 2018; e Santa Maria de Ibitiruí, uma pequena comunidade rural com cerca de 300 habitantes, de acordo com os registros da igreja católica local.

Os procedimentos metodológicos adotados por Fiorin (2019) foram a pesquisa documental e bibliográfica, além de entrevistas semiestruturadas com descendentes de imigrantes italianos. As perguntas versaram sobre a história de ambas as comunidades, a vida dos ancestrais na Itália e da família atual, os sentimentos dos informantes sobre a cultura e a língua dos antepassados, o porquê de a língua vêneta ter deixado de ser falada nas comunidades e, especialmente, sobre a vida escolar dos participantes do estudo. No total, foram entrevistados 10 residentes na zona urbana e 20 na zona rural. Para os propósitos do estudo, o pesquisador entrevistou também 10 agentes escolares de ambas as localidades, que falaram sobre como eram e como são tratadas as línguas de imigração e o português falado com traços de outra língua.

Os fatores de manutenção/substituição da língua vêneta analisados por Fiorin (2019) foram os mesmos citados nas investigações anteriores, pois eles aparecem listados nas obras dos autores dos Contatos Linguísticos: a localização geográfica da comunidade, a (dis)similaridade cultural entre os grupos minoritário e majoritário, os casamentos intra/interétnicos, a escolarização e o status econômico e social do grupo minoritário e da

língua falada por eles, as atitudes linguísticas dos falantes e as políticas linguísticas de preservação/substituição das línguas minoritárias.

Os resultados obtidos por Fiorin (2019) não diferem substancialmente dos encontrados pelas pesquisadoras que analisaram outras zonas urbanas e rurais capixabas. Com respeito a Santa Maria de Ibitiruí, a localização geográfica do distrito –no início de sua formação – era de isolamento, pois estava cercado por mata virgem e não havia estradas que o ligassem a outras regiões, nem havia meios de transporte acessíveis aos moradores. Assim, a língua dos primeiros imigrantes pôde ser falada por muitos anos. Entretanto, outros fatores atuaram para a sua substituição, como a construção de estradas – inclusive a de ferro, que corta o distrito.

Com relação às diferenças e semelhanças entre as culturas italiana e brasileira, a culinária, as festas, os jogos etc. dos imigrantes são mantidos ainda hoje. Quanto à religião, os descendentes dos imigrantes compartilhavam a mesma fé católica dos brasileiros, o que os aproximou, favorecendo o contato étnico e, por conseguinte, o linguístico. Os casamentos dos imigrantes e de seus descendentes se deram sobretudo entre eles próprios, “até mesmo por falta de opção”, segundo Fiorin (2019, p. 69), o que contribuiu para a transmissão intergeracional da língua por décadas.

Quanto ao status econômico e social dos imigrantes italianos que se estabeleceram em Santa Maria de Ibitiruí, havia uma grande semelhança entre as famílias, o que, de certa forma, os igualava econômica e socialmente. Tratava-se de pequenos proprietários de terra, pessoas que continuaram trabalhando duro durante muitos anos, até prosperarem.

Sobre as atitudes linguísticas dos moradores de Santa Maria do Ibitiruí, alguns entrevistados afirmam que gostam da língua de seus antepassados e que gostariam de vê-la sendo falada na comunidade, mas outros afirmam que preferem o português. O pesquisador aponta três razões para isso, com base nos relatos dos participantes da pesquisa: o fato de eles serem brasileiros e viverem no Brasil, sendo necessário, portanto, falar a língua do país.; o fato de o português ser a língua de que necessitam para trabalhar e sobreviver, a língua que lhes garante progresso econômico e social; e o fato de a língua ou seus traços no português gerarem vergonha, devido ao preconceito que sofrem.

Por fim, quanto às políticas para valorização e revitalização do vêneto, o pesquisador constatou que não existe qualquer iniciativa por parte de órgãos públicos ou de entidades civis do distrito ou do município, apesar de ter ouvido, nas entrevistas, expressões de desejo de que isso aconteça.

Tudo o que se falou para Santa Maria de Ibitiruí também se aplica à Sede de Alfredo Chaves, sendo que, na Sede, pelos contatos mais estreitos com os brasileiros, o vêneto foi substituído pelo português há muito mais tempo.

No sentido de testar sua hipótese de que a escola contribuiu significativamente para o desaparecimento do vêneto nas comunidades pesquisadas, Fiorin (2019) entrevistou cinco agentes escolares – duas da Sede e três da zona rural, como se disse. Em seu roteiro de entrevista, o pesquisador formulou perguntas para identificar como os profissionais da educação viam e veem a língua vêneta e como tratavam e tratam, em sala de aula, a diversidade linguística. As entrevistas não deixaram dúvidas: as professoras eram obrigadas a ensinar o que os documentos oficiais exigiam, isto é, as regras normativas do português. Não havia espaço para a variação linguística, e a língua de imigração não entrava na sala de aula.

A maioria das professoras entrevistadas relata que o português com marcas vênetas era terminantemente corrigido, deixando a sensação de ser esta uma língua “errada” e, portanto, que deveria ser abandonada. As entrevistas também revelaram que a escola, ao obedecer ao que diziam as leis educacionais e às demais leis do país, serviu desde sempre como grande propulsora do monolinguismo em português; portanto, favorecedora da substituição do vêneto no município. Diante de seus resultados, Fiorin (2019) conclui que é preciso haver um trabalho contínuo junto aos agentes escolares, para sensibilizá-los para a riqueza linguística de Alfredo Chaves, a fim de que a diversidade cultural e linguística do município seja valorizada.

## **Considerações finais**

Pelo que foi exposto neste trabalho, observa-se que os resultados encontrados nas pesquisas de contatos entre línguas – tanto no nível linguístico quanto no nível social – do Espírito Santo são bastante semelhantes entre si, além de não diferirem significativamente dos encontrados em outros estados. Os traços do sistema sonoro da língua ancestral se fazem presentes no português falado pelos descendentes de imigrantes, sobretudo os mais velhos e de zonas rurais, conforme evidenciam os estudos de Meneghel (2015), Rodrigues (2015) e Peterle (2017). Por outro lado, as perseguições, o preconceito sofrido, o medo de ser deportado ou de ir para a cadeia e o receio de os filhos passarem por situações humilhantes e até perigosas foram compartilhados por capixabas, rio-grandenses, catarinenses, paranaenses etc. Entretanto, um aspecto em que se diferenciam outros estados e o Espírito Santo é o número de estudos realizados.

Diante da riqueza linguística e cultural do Espírito Santo, é fato que ainda contamos com pouquíssimas investigações de contatos linguísticos no estado. As comunidades estudadas até agora são as mais próximas da Grande Vitória, a depender do interesse de

alunos; sobretudo do curso de Letras e/ou do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo que sejam membros das comunidades pesquisadas.

Dessa forma, faz-se necessário formular um programa de estudos futuros sobre os contatos linguísticos no estado, os quais devem abarcar investigações em outras localidades, colonizadas pelos imigrantes que aqui chegaram e também por indígenas e afrodescendentes. Essas pesquisas precisam abarcar aspectos linguísticos (fonético-fonológicos, morfossintáticos, pragmático-discursivos) e também sociais, como a história dos contatos que ocorreram nas comunidades e a linguagem aí utilizada, as crenças e atitudes dos membros dessas localidades, as perspectivas de manutenção ou de revitalização das línguas minoritárias etc. Esses resultados serão valiosos para se conhecer mais profundamente a realidade linguística do Espírito Santo.

Entretanto, há que se levar em conta que os desafios para a pesquisa de comunidades no interior do estado não são poucos: em primeiro lugar está a chegada até essas localidades, pois muitas estão em regiões em que não há sinal de celular, de internet e de GPS, além da falta de pavimentação e de infraestrutura de várias estradas – apesar dos esforços dos órgãos públicos para oferecer esses benefícios à população do interior. Assim, é sempre necessário contar com o tempo, dinheiro, dispêndio de energia etc. dos pesquisadores e de seu grupo.

Outro grande desafio é o cuidado necessário com as entrevistas e com o anonimato dos entrevistados. No Espírito Santo, não é raro encontrar comunidades muito pequenas – até de 300 habitantes, como Santa Maria de Ibitiruí –, onde os moradores são todos conhecidos uns dos outros. Mais uma questão a ser considerada são as confidências feitas nas entrevistas e que não podem ser divulgadas. Assim, para se garantir o anonimato dos participantes da pesquisa, não basta retirar seus nomes ou outras informações mais visíveis, pois eles podem ser identificados por sua voz.

Não obstante as dificuldades apontadas, há que se ressaltar a importância dos resultados das pesquisas que se voltam para os contatos linguísticos que ocorreram e ocorrem tanto no Espírito Santo quanto nos demais estados do país. Sua aplicação ao ensino traz benefícios incomensuráveis à educação, pois o(a) educador(a) pode basear-se em sua realidade local para preparar melhores aulas de Língua Portuguesa e de outras disciplinas escolares. Além do auxílio à educação, os resultados dessas pesquisas expõem a diversidade linguística das comunidades, facilitando a elaboração de políticas que visem à manutenção ou à revitalização de línguas dos grupos minoritários. Esse é o grande desafio de entidades públicas e civis do Espírito Santo.

## Referências

- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. Bilingüismo y contacto de lenguas. Barcelona: Ariel, 1996.
- AVELAR, Daillane dos Santos. A realização variável das consoantes oclusivas dentais por descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa, ES. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- BAKER, Colin; JONES, Prys Sylvia. Encyclopedia of bilingualism and bilingual education. Clevedon, Avon, UK: Multilingual Matters, 1998.
- BREMENKAMP, Elizana Schaffel. Análise sociolinguística da manutenção da língua pomerana em Santa Maria de Jetibá, Espírito Santo. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- COMINOTTI, Katuscia Sartori Silva. O contato linguístico entre o vêneto e o português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- COMINOTTI, Katuscia Sartori Silva. O sentimento de identidade e o processo de manutenção/substituição linguística: o caso de São Bento de Urânia, Espírito Santo. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.
- CONDE, Bruno Santos. Senhores de fé e de escravos: a escravidão nas fazendas jesuíticas do Espírito Santo. In: Anais do 4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. Universidade Federal do Paraná, 01-10, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2JpAkcr>. Acesso em: 03 mar. 2014.
- COULMAS, Florian. Sociolinguistics; the study of speakers' choices. Cambridge: Cambridge Press, 2005.
- DERENZI, Luiz Serafim. Os italianos no Espírito Santo. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.
- FASOLD, R. La sociolingüística de la sociedad: Introducción a la sociolingüística. Tradução: Margarita España Villasante e Joaquín Mejía Alberdi. Madrid: Visor libros, 1996.
- FIORIN, Marcio Favero. Aspectos sócio-históricos da substituição do vêneto pelo português. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

- FISHMAN, J. *Language Loyalty, Language Planning and Language Revitalization: Recent Writings and Reflections from Joshua A. Fishman*. Edited by Nancy H. Hornberger and Martin Pütz. Clevedon, England: Multilingual Matters LTD, 2006.
- FISHMAN, J. *Sociología del lenguaje*. Tradução: Ramón Sarmiento y Juan Carlos Moreno. Madrid: Catedra, 1995 [1979].
- INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. ES em mapas. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/>. Acesso em: 08 fev. 2019.
- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MAJONI, Priscila Gevigi de Andrade. *Varição prosódica de sentenças declarativas e interrogativas na fala de descendentes de imigrantes italianos de Santa Teresa, ES*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- MATRAS, Y. *Language contact*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- MENEGHEL, Sílvia Angela Picoli. *O ditongo nasal tônico -ão falado por ítalo-descendentes de Santa Maria do Engano/ES: uma análise sociolinguística*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- MONTRUL, S. *El bilingüismo en el mundo hispanohablante*. West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2013.
- MOREIRA, Thaís Helena; PERRONE, Adriano. *História e geografia do Espírito Santo*. 8. ed. Vitória: [s.n.], 2007.
- PETERLE, B. D. *Análise sociolinguística da realização do ditongo nasal tônico em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves/ES: o papel da variável sexo/gênero*. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.
- RODRIGUES, Sarah Loriato. *Mi parlo Taliàn: análise sociolinguística do bilinguismo português-dialeto italiano no município de Santa Teresa, ES*. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- SALETTTO, Nara. *Donatários, colonos, índios e jesuítas: o início da colonização do Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2011. Coleção Canaã, volume 13. Disponível em: [www.ape.es.gov.br](http://www.ape.es.gov.br). Acesso em: 04 mar. 2014.

- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. Goldvarb X - A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: [http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV\\_index.htm#ref](http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref).
- SPOLSKY, Bernard. Language Management. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- WEINREICH, Uriel. Language in contact; findings and problems. Paris: The Hague Mouton, 1970 [1953].
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov (Eds.). Directions for historical linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-188.
- WINFORD, Donald. An introduction to contact linguistics. Oxford: Blackwell, 2003.